



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Estratégias de acesso à energia eléctrica no bairro da Urbanização

Candidato: Cláudio Artur

Supervisor: Prof. Doutor Cristiano Matsinhe

Maputo, Julho de 2016

Estratégias de acesso a energia eléctrica no bairro da urbanização

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

O Candidato:

(Cláudio Artur)

O Supervisor

(Cristiano Matsinhe)

O Presidente

O Oponente

(Elísio Jossias)

Maputo, Julho de 2016

Declaração de Originalidade

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

O candidato

(Cláudio Artur)

Maputo, Julho de 2016

Dedicatória

Dedico este trabalho a memória do meu pai Artur
André Matine, o espírito da minha inspiração!

Agradecimentos

Este trabalho tornou-se possível graças ao apoio de muitas pessoas a quem desde já expresso o meu profundo agradecimento. Em primeiro lugar agradeço a Deus, pela inspiração e força que me concedeu durante estes 4 anos e meio. De seguida o meu maior agradecimento vai para a minha mãe Elisa Rosália Albino Jamine pelo esforço que tem feito para que os filhos estejam na escola, sendo pai e mãe em simultâneo.

Aos meus sobrinhos (Edilson, Bruninho, Artur, Arcanjo e Jonathan) pelo sorriso motivador, aos meus irmãos Albino, Helena, André, Letícia, Delfina, e Edson pelo apoio incondicional durante o meu percurso de estudante na UEM, e em particular ao meu irmão Bruno que tem sido o meu segundo pai, muito obrigado mano.

Ao meu supervisor Dr. Cristiano Matsinhe, que com muita dedicação, deu o melhor de si para que este trabalho se tornasse realidade. Aliás, não só vão os meus agradecimentos, como também toda minha admiração e reconhecimento pelas qualidades excepcionais que mostrou ao longo do tempo que me acompanhou, qualidades não só do ponto de vista académico, como também do ponto de vista humano, por isso, professor digo-lhe obrigado, porque de si aprendi muito.

A todos professores do DAA, estou grato por me terem dado direcções para trilhar no campo da Antropologia. Um especialagradecimento aos professores Alexandre Mate, Emídio Gune, Danúbio Lihaha, Fernando Manjate e Johane Zonjo pelas críticas e comentáriosconstrutivos na produção do trabalho.

Aos meus colegas da Turma de Antropologia 2012, com destaque para Aníbal Chaúque, Belone Devesse, Simão Machegane, pelas mesas redondas na "Esquina da Mulatinha"e aos colegas Anésio Manhiça, Chavana Jr., Inok Chiposse, Hélder Fondo, e Jéssica Jossias. Ao Efraime Nhabanga muito obrigado pela força.

Um especial agradecimento a minha cara-metade Marta Maolela pela força e compreensão nos momentos difíceis do trabalho. Obrigado por fazeres parte da minha vida.

Abreviaturas e Siglas

ADASBU -	Associação de Água e Saneamento do Bairro Urbanização
ATM -	<i>Automated Teller Machine</i>
BCI -	Banco Comercial de Investimentos
BIM -	Banco Internacional de Moçambique
CEIF -	Estrutura de Investimento em Energia Limpa e Desenvolvimento/ <i>Investment Framework for Clean Energy and Development</i>
DAA -	Departamento de Arqueologia e Antropologia
EDM -	Electricidade de Moçambique
GPS -	Sistema de Posicionamento Global
HCB -	Hidroeléctrica de Cahora Bassa
MCEL -	Moçambique Celular
ONU -	Organização das Nações Unidas
PPQG -	Programa do Plano Quinquenal do Governo
SARL -	Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
UEM -	Universidade Eduardo Mondlane
EUA -	Estados Unidos da América
PT -	Posto de Transformação

Resumo

Este estudo tem em vista analisar as estratégias de acesso à energia eléctrica no bairro da Urbanização, Distrito Municipal KaMaxaquene, na cidade de Maputo. Em Moçambique este assunto tem sido analisado a partir da perspectiva programática, que percebe o acesso à energia eléctrica como um bem económico e social, visto como o motor para o Desenvolvimento económico, político e social. A mesma busca mecanismos para a promoção dos níveis de acesso à energia com qualidade, a preço acessível, e sem exclusão social.

Esta perspectiva, se por um lado permite compreender as estratégias adoptadas nas políticas com vista a reduzir os níveis de exclusão social no acesso à energia eléctrica, por outro lado, pouco informa sobre os mecanismos adoptados pelas pessoas para aceder à energia eléctrica num contexto caracterizado pelos significativos desequilíbrios e iniquidades de acesso e utilização de bens e serviços.

De modo a compreender que estratégias são escolhidas pelos moradores no bairro da Urbanização para ter acesso à energia eléctrica, realizei uma pesquisa etnográfica e os dados colhidos permitem dizer que “cahora bassa” é uma estratégia informal de acesso à energia eléctrica adoptada com a cumplicidade e convivência de vários actores sociais. Assim sendo, esta pesquisa mostra que o quotidiano dos moradores do bairro da Urbanização não se limita apenas nas políticas, mas na interacção social com vista a satisfação das necessidades diárias.

Palavras - Chave: Estratégias, Redes Sociais e Energia Eléctrica.

Índice

Declaração de Originalidade.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Abreviaturas e siglas.....	iv
Resumo.....	v
1.Introdução.....	1
2. Metodologia.....	3
2.1.Fases da pesquisa.....	3
2.2.Métodos e técnicas de recolha de dados.....	4
2.3.Constrangimentos de pesquisa.....	5
2.4.Breve descrição do local de pesquisa.....	6
2.4.1.Perfil dos participantes da pesquisa.....	7
3. O acesso à energia eléctrica.....	9
3.1.Estratégia para o acesso a energia eléctrica em Moçambique.....	11
4.Abordagem teórica e conceitual.....	13
4.1.Estratégia.....	14
4.2.Redes sociais.....	15
4.3.Risco.....	16
5.Apresentação e discussão dos dados de campo.....	17
5.1.“Cahora Bassa”.....	17
5.2. O acesso à energia eléctrica no bairro da Urbanização.....	18
5.3. Estratégia “informal” no acesso à energia eléctrica.....	19
5.4. Redes de solidariedade e reciprocidade na prática de “cahora bassa”.....	22
6. As percepções de risco na prática de “cahora bassa”.....	26
7. Considerações Finais.....	26
8. Referências Bibliográficas.....	28

1. Introdução

O presente trabalho é resultado da pesquisa etnográfica entre os moradores do bairro da Urbanização, no distrito municipal KaMaxaquene na Cidade de Maputo. O mesmo aborda estratégias de acesso à energia eléctrica no bairro da Urbanização.

Esta proposta tem como objectivo geral compreender as estratégias de acesso à energia eléctrica adoptadas pelos moradores no bairro da Urbanização. Para tal, irei de forma específica identificar as estratégias usadas pelos moradores do bairro da urbanização para aceder à energia eléctrica e perceber como se operacionalizam essas estratégias no quotidiano dos moradores do bairro da Urbanização.

A motivação para a escolha deste tema surge na medida em que a questão do acesso à energia eléctrica tem sido motivo de acesos debates nas televisões, rádios e outros meios de comunicação social. A questão central nesses debates reflecte-se na criação de formas para a rápida expansão da energia eléctrica em Moçambique. Na tentativa de compreender esta problemática, destaco duas perspectivas que debatem sobre a problemática do acesso à energia eléctrica.

A primeira mostra que o acesso à energia eléctrica como um bem económico e social, que constitui um mecanismo para o Desenvolvimento económico, político e social do mundo. A mesma busca caminhos para a promoção dos níveis de acesso à energia de qualidade e a preços acessíveis (Pnud 2011; Un 2012; Wbg 2009; Pqgm 2015-2019).

A segunda perspectiva analisa as percepções e a forma como os indivíduos desenvolvem táticas ilegais para aceder à energia eléctrica. A partir de estudos realizados no contexto brasileiro, os autores concluem que o acesso ilegal da electricidade prende-se com a necessidade de manter o *status* social através da posse e utilização de electrodomésticos tais como o ar condicionado (Yaccoub2010; 2011; Santos 2011).

O primeiro grupo de autores permite compreender os mecanismos adoptados pelas políticas para reduzir os níveis de exclusão social no acesso à energia eléctrica. O segundo grupo, dos estudos realizados no Brasil ajudam-me a compreender as percepções dos indivíduos sobre a prática ilegal, denominada por "gato". Assim sendo, com base nesse conjunto de práticas vivenciadas no quotidiano dos moradores do bairro da Urbanização e com o auxílio da literatura, proponho-me a

compreender que estratégias de acesso à energia eléctrica são adoptadas pelos moradores do Bairro da Urbanização, na cidade de Maputo?

O trabalho encontra-se organizado em cinco (7) capítulos. Depois da presente introdução que explica o desenrolar do trabalho, segue a secção da abordagem metodologia, onde explico a metodologia adoptada para a realização da presente pesquisa, no terceiro capítulo apresento a revisão da literatura sobre o acesso à energia eléctrica no mundo e em Moçambique, no quarto capítulo a problematização teórica e conceptual. Nos capítulos quinto e sexto apresento e faço a discussão dos dados de campo. Por último, no sétimo capítulo as considerações finais do trabalho.

2. Metodologia

Neste capítulo apresento a metodologia e os passos que segui para alcançar os objectivos do trabalho. Este estudo é do tipo qualitativo e de carácter exploratório. Na óptica de Arilda Godoy (1995) a pesquisa qualitativa parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Por isso, ela envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interactivos pelo contacto directo do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenómenos segundo a perspectiva dos sujeitos da situação em estudo (Godoy 1995: 58).

2.1. Fases da Pesquisa

Na primeira fase o estudo consistiu numa pesquisa bibliográfica do tema em alusão nas bibliotecas do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), Central Brazão Mazula na UEM e Mediateca do Banco Comercial de Investimentos (BCI), tendo como auxílio artigos, revistas, jornais extraídos da internet que discutem a questão das estratégias e o acesso à energia eléctrica. Ao adoptar esta fase, pretendia situar em "Estado de Arte" sobre o tema em análise, de modo a saber o que se disse e o que falta por esclarecer no que já se disse. Devido a escassez da literatura sócio - antropológica sobre o tema, optei pela interdisciplinaridade que possibilitou a criação de um debate académico através da análise da literatura programática, da comunicação, marketing e antropológica.

Depois da actualização do tema, a segunda fase consistiu numa pesquisa exploratória onde estabeleci contacto directo com as pessoas que praticam as ligações clandestinas no bairro da Urbanização, no período de Agosto a Dezembro de 2015. A permanência no campo consistiu segundo De Oliveira (2000) em ver, ouvir e questionar sobre o que os participantes do estudo fazem e dizem na sua interacção no quotidiano. A terceira fase deu-se na análise dos dados, que consistiu em conciliar os dados de campo com a literatura sobre o tema estudado.

2.2. Métodos e Técnicas de Recolha de dados

Este estudo foi produzido na base do método etnográfico, que permitiu interpretar o mundo social aproximando o pesquisador do outro "estranho", tornando-o "familiar" ou estranhando o familiar, superando o pesquisador suas representações ingênuas agora substituídas por questões relacionadas sobre o universo de pesquisa analisado (DaMatta & Velho 1978 *apud* Rocha *et al* 2008: 6).

Nesta fase explorei como os moradores do bairro da urbanização adoptam estratégias de acesso à energia eléctrica no quotidiano. Nos primeiros dias da pesquisa, comecei a frequentar a oficina borracheira da avenida acordos de Lusaka, participando da actividade de atendimento a clientes nos serviços de montagem e reparação de pneus, mais também observava e ouvia a conversa que lá se desenvolvia nos momentos em que não havia cliente por atender. Este lugar para além de ser uma oficina é também o centro de encontro dos jovens do bairro para conversar, o que quer dizer que a conversa era desenvolvida pelos funcionários da oficina, mais também pelos jovens que lá estavam.

Na segunda semana da minha presença na oficina, várias conversas foram desenvolvidas e uma delas foi quando o João de 25 anos disse:

Essa energia já está muita puxada, ontem comprei energia de 100Mts e cortaram a taxa pela segunda vez, enquanto já tinha pago no dia 1 deste mês. Quando perguntei como é possível, responderam que é uma taxa que sempre corta-se no meio do mês. Esses gajos sempre 'cortam taxas sem cabeça' (Diário de Campo 2015).

A partir daí, a conversa foi se alongando em torno desse assunto o que possibilitou que encontrasse pistas de pessoas que fazem ligações clandestinas para aceder à energia eléctrica. Com adopção do método etnográfico, foi possível captar as vivências e as estratégias que os moradores do bairro da Urbanização adoptam no acesso à energia eléctrica. Neste caso, o trabalho etnográfico baseou-se nas técnicas de observação directa e participante, entrevistas semi- estruturadas e conversas informais.

A observação participante consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das actividades normais deste (Marconi & Lakatos 2003: 194).

Uma vez que os participantes do estudo são da minha rede de amigos e de relações de vizinhança, esta fase consistiu numa observação em suas casas nos períodos da tarde e noite, onde no primeiro momento ia com o intuito de trocar novidades de músicas, filmes no computador e até assistir filmes ou conversar, o que possibilitou que tivesse acesso à sala e até os quartos das casas e a partir daí, comecei a frequentar às casas com um diário de campo para registar o que via e ouvia sobre o acesso à energia eléctrica no quotidiano dos moradores do bairro da Urbanização.

As entrevistas com os moradores do bairro da Urbanização eram marcadas no período da tarde, porque era o momento em que estes estavam livre depois das suas actividades diárias. As mesmas eram dirigidas em língua portuguesa e na maior parte em casa dos participantes do estudo, o que permitiu questionar sobre os factos observados no campo o que possibilitou que passasse de entrevistas a conversas informais. De forma a preservar a identidade dos participantes do estudo, os nomes usados nas entrevistas desse trabalho são fictícios.

2.3. Constrangimentos de pesquisa

No decorrer deste trabalho vários constrangimentos foram encontrados, dos quais derivam do estudo da proximidade uma vez que, o presente trabalho foi realizado num contexto em que o pesquisador é residente.

O primeiro constrangimento deveu-se, ao facto de a um dado momento da observação parecer que o pesquisador já tivesse conhecimento sobre algumas acções. De forma a ultrapassar esse constrangimento, foi necessário segundo Velho (2003) o movimento de estranhar o familiar, ou seja, questionar o que parecia ser do conhecimento do pesquisador em torno do assunto em análise.

Por seu turno, o segundo constrangimento surgiu pelo facto de em algum momento os participantes do estudo nas entrevistas acharem que, não houvesse necessidade de responder a certas perguntas feitas pelo pesquisador, pelo facto de este ser membro do bairro em que se encontrava a estudar, alegando que saberia responder parte das perguntas por ele feitas, pois, são coisas que acontecem no bairro e este vê todos os dias. De forma a contornar este obstáculo foi preciso fazer a mesma pergunta de várias formas, de maneira que possa ser respondida.

2.4. Breve descrição do local de pesquisa

Este bairro localiza-se na Cidade de Maputo, Distrito Municipal KaMaxakeni. Do lado norte separa-se do bairro do Aeroporto pela rua da Linha Férrea. A oeste separa-se do bairro Aeroporto “A” pela Avenida de Angola, no lado leste faz fronteira com o bairro de Maxaquene “A” através da Avenida Acordos de Lusaka. No lado sul separa-se do bairro da Mafalala pela rua da Lixeira, a famosa entrada da Mafalala que dá acesso à Escola Bíblica.

O bairro da Urbanização está estruturado por pequenas unidades administrativas, denominadas por quarteirões. Neste bairro, existem 28 quarteirões sobre tutela dos chefes de quarteirão, onde estes são por seu turno escolhidos pelas pessoas de cada quarteirão e nomeados pelo Secretário do Bairro.

Neste bairro tem cerca de 15. 798 Habitantes, dentre os quais 7.680 habitantes são homens e 8.118 habitantes são mulheres, o que quer dizer que as mulheres apresentam maior percentagem que os homens (Rodrigues 2015). As casas são de diferentes tipos, dentre as convencionais, construídas por bloco, cimento, chapas de zinco, as de madeira e zinco construídas por via de chapas de zinco e madeira, *flat* ou apartamentos, uma unidade familiar com mais de um piso e as casas mistas e palhotas, construídas com materiais duráveis e de origem vegetal.

Com três ruas principais não pavimentadas, a rua do *Chilepfane*, rua João Quivanhane, e rua *Guaza-Muthine*. Este bairro alberga vários tipos de infra-estruturas económicas e sociais, desde empresas de construção, lojas de venda de material de construção, ministérios, discotecas, escolas (Escola Primária Completa IV Congresso e Escola Privada 14 de Outubro), igrejas, e mercado Adelina.

Quando chove é quase que problemático transitar nas ruas do bairro devido a enchentes de água, mesmo com as valas de drenagem construídas pela Associação de Desenvolvimento de Água e Saneamento do Bairro da Urbanização (ADASBU). Pois ao andar pelas ruas principais encontramos vários tubos a verter água.

A energia eléctrica é uma fonte de iluminação mais usada nesse bairro, para além das velas e candeeiros e é fornecida pela EDM, E.P. No bairro existem 4 postos de transformadores (PT) e que transportam energia que alimenta as casas através dos postes de madeira encontrados em cada 70/100 metros um do outro, ligados através de cabos eléctricos, onde cada poste fornece corrente eléctrica a um determinado número de casas por via de um cabo preto que sai do postulête da casa de uma pessoa para o poste da rua ligando-se a rede de energia eléctrica. Nestes postes pude ver caixas brancas que por sinal são contadores de controlo de energia.

O maior número de casas usa o contador *credelec* para o consumo de energia, e a recarga *credelec* é comprada nas proximidades do bairro, nas bombas de gasolina Total. Este posto encontra-se aberto para a venda da recarga *credelec*¹ desde 2008, das 8horas da manhã até às 21horas da noite. Mais também é possível comprar nas *ATM's* dos bancos (BCI, BIM, FNB), nos agentes de *m-pesa* em barracas, casas, centros de informática que tem horas para vender, e por vezes compram nos telemóveis com o depósito feito nas suas contas *m-pesa* (Vodacom), *mkesh* (Mcel)², e IZI (serviço do Banco Millennium bim).

2.4.1. Perfil dos participantes do estudo

Zavala de 69 anos, natural de Maputo, reformado. Vive no bairro da Urbanização "B" com a esposa, seu irmão e dois netos. Consome a energia da EDM deste 1992. Começou a fazer ligações clandestinas em 2009 e parou em 2014.

¹*Credelec* - sistema de venda a crédito (pré-pagamento de electricidade). A sua implementação começou em 1995 pela EDM.

²*mKesh* e *m-pesa* - serviços financeiros de moeda electrónica e móvel, que permitem transferir e levantar dinheiro, depositar, comprar crédito, *credelec*, jackpot e pagar serviços através do celular..

Joaninha de 54 anos, natural de Maputo, doméstica. Vive no bairro da Urbanização a 20 anos, com o seu marido e três filhos. Usa energia da EDM, desde o ano 2000.

Maria de 29 anos, natural de Nampula, professora do ensino Primário e estudante da Universidade Eduardo Mondlane. Vive no bairro da Urbanização com a sua filha, desde 2012. A casa em que vive é arrendada, de um quarto e sala desde 2010. Desde 2010 até os dias de hoje usa energia na base das ligações clandestinas.

Casimiro de 27 anos, comerciante, natural de Maputo, 12^a classe concluída. Vive com a esposa, a filha, a irmã e os sobrinhos, no bairro da urbanização. Está ligado a rede de energia da EDM desde 2010, começou a fazer ligações clandestinas antes de celebrar um contrato com a EDM.

Felisberto de 28 anos, natural de Maputo, solteiro. É electricista formado pelo Instituto Industrial de Maputo, neste momento não trabalha apenas vive de *biscates*³. Vive com os tios no bairro da urbanização e usa energia da EDM deste 1995.

Muthombene de 24 anos, natural de Maputo, solteiro. É padeiro e vive com os pais e irmãos. Está ligado a rede de energia eléctrica da EDM desde 2009, faz ligações clandestinas.

João de 25 anos, natural de Xai-Xai, solteiro, vive sozinho numa casa arrendada. É borracheiro, nunca fez ligações clandestinas, vive no bairro da urbanização desde 2006.

³*Biscates* - termo de uso corrente para designar os trabalhos feitos de forma ocasional.

3. O acesso à energia eléctrica

Na literatura sobre o acesso à energia eléctrica destacam-se duas perspectivas. A primeira analisa o acesso à energia eléctrica como um bem económico e social, afirmando que a sua disponibilização contribui para Desenvolvimento económico, político e social do mundo (Deen 2015; Lacombe 2009; Lusa 2009; Rice 2016; Rocha 2015; Wbg 2009; Pqgm 2015).

A segunda analisa as percepções e forma como os indivíduos desenvolvem táticas ilegais, para aceder à energia eléctrica (Yaccoub 2010, 2011; Santos 2011).

O primeiro grupo de autores explora os níveis de acesso à energia eléctrica, propondo mecanismos para promover o seu acesso sem exclusão no mundo. Evidenciam que, mais de 1, 317 bilhões de habitantes não têm acesso à energia eléctrica no mundo, e isso deve-se ao facto de maior parte destes habitantes fazer parte do contexto rural.

Segundo a ONU, mais de 1, 317 bilhões de habitantes não têm acesso à energia eléctrica no mundo, dos quais 80% são países da África Subsaariana. Este problema resulta da distribuição desigual dos bens e serviços, onde a população rural é a que sofre exclusão social no acesso à energia (Lacombe 2009; Lusa 2009).

A energia eléctrica é um bem económico e social de elevada importância no mundo, o seu acesso constitui um motor para o desenvolvimento económico, social e político do mundo, mas no entanto, a sua falta limita as condições de acesso à saúde, educação e lazer (ver televisão, ouvir música, usar computadores) o que reflecte-se negativamente na qualidade de vida da população mundial.

Assim, vários programas de investimentos foram criados no sentido de aumentar os níveis de acesso à energia eléctrica no mundo, com destaque para a expansão do uso de energias renováveis como fontes alternativas de energia. Em 2006 o Grupo Banco Mundial criou o Fundo de Investimento em Energia Limpa e Desenvolvimento (CEIF) para acelerar a participação dos sectores públicos e privados na ampliação do acesso à energia, a criação do Programa de energia sustentável para todos até 2030 pela ONU e o Banco Mundial. Um programa que objectiva assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno a preço acessível a energia para todos (Deen 2015; Rice 2016; Rocha 2015; Wbg 2009).

A segunda linha explora a forma como o “gato” é praticado, as percepções dos indivíduos que praticam no contexto brasileiro. Em um estudo feito na "favela" do município de São Gonçalo no Rio de Janeiro, Hilaine Yaccoub refere que existem duas formas de fazer o "gato", por via da ligação directa na rede eléctrica do poste e na manipulação do contador, fazendo com este registe o valor menor do que o consumo real (Yaccoub 2010:2).

De acordo com Yaccoub (2010) explica que a prática do "gato" no acesso à energia eléctrica é feita por um conjunto de factores, dentre os quais se destaca o *status* aliado a necessidade de alimentar os electrodomésticos de elevado consumo energético, tais como o ar condicionado.

Adiante, em uma pesquisa na “favela da Barreira do Vasco” na zona central do Rio de Janeiro, a autora reforça que esta prática estaria aliada por um lado, pela concepção de que a energia é do Estado, e o Estado é o povo, portanto, a energia não têm dono, por isso, não se paga. Por outro lado, estaria aliada a problemática da não partilha do mesmo valor de bem e serviço entre o consumidor e a concessionária, isto porque estes (consumidores) não olham para energia eléctrica como um produto mercantilizado (que implica, produção, transporte, compra e venda), mais como algo que não tem dono. Por isso, que fazem o “gato” e não pagam as facturas de energia.

Por seu turno, Santos *et al* (2011) em um estudo no Belo Horizonte acrescenta que o "gato" é como uma forma de respostados indivíduos a má gestão do bem público e sobretudo a elevado custo da tarifa cobrada pela energia consumida, o que leva a não pagamento das facturas de energia.

O acesso à energia é por um lado, visto como uma questão prioritária no mundo, porque constitui um meio para suprir as necessidades da população e alavancar o desenvolvimento económico, social e político. Para tal, as políticas internacionais têm em vista projectos para assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível da energia para todos. Por outro lado, a energia é do Estado e sendo o Estado o povo, este bem é de todos, por isso, os indivíduos usam de diferentes formas, mas quando existe uma instituição para controlar o seu consumo, estes desenvolvem táticas para aceder à energia, por uma necessidade de manter o *status* social através da posse e utilização de electrodomésticos associados ao *status* social, como o ar condicionado.

A partir da literatura e da observação participante, explorarei as estratégias de acesso à energia adoptadas no bairro da Urbanização, no contexto Moçambicano como conjunto de práticas vivenciadas no quotidiano.

3.1. Estratégia para o acesso à energia eléctrica em Moçambique

A problemática do acesso à energia em Moçambique é analisada pelas políticas públicas como uma questão central na busca de soluções para o desenvolvimento económico e social. Segundo Fernando (2011) desde 2005 o acesso à energia eléctrica em Moçambique subiu de 8% para 22% em 2012, mesmo assim ainda se encontra na categoria de um país com a taxa de acesso à energia mais baixa da região da África Austral.

De forma a ultrapassar esta problemática, o Governo de Moçambique tem como proposta para o presente quinquénio (2015-2019) a expansão do acesso à energia eléctrica em todo o país. Por isso, são definidos os seguintes objectivos estratégicos no Pqgm (2015-2019), “a necessidade do aumento do acesso com qualidade e disponibilidade de energia eléctrica, combustíveis líquidos e gás natural para o desenvolvimento das actividades sócio - económicas, o consumo doméstico e a exportação” (República de Moçambique 2015: 28).

Os objectivos estratégicos no sector da energia apresentados no plano quinquenal pressupõem, por um lado, muitos investimentos que têm a ver com a produção, o transporte, criação de fontes alternativas de energia, por outro lado, devem ser capazes de fornecer energia para todos os consumidores com qualidade, e a preço acessível, facto que têm levado a um conjunto de problemas no contexto pesquisado, que partem do processo do fornecimento da energia eléctrica.

No processo de fornecimento de energia eléctrica aos consumidores a Electricidade de Moçambique, E.P. (EDM), responsável por transportar e trazer energia até aos consumidores. Neste caso, constituem mecanismos formais para a disponibilização de energia aos consumidores, a abertura de um contrato que exige o seguimento dos processos administrativos e técnicos, que se resumem na inspecção onde o requerente efectua o pedido de nova ligação, preenchendo o formulário da EDM, seguido da apresentação da identificação do titular do contrato (com B.I., cartão de *nuit* e cartão de recenseamento militar), a vistoria acompanhada de uma visita dos técnicos para avaliarem a instalação (que por vezes chegam chumbar a instalação), o pagamento e assinatura do contrato, a ligação efectuada pelos agentes da EDM na

casa do cliente e por último o cadastro de documentação da rede onde se faz o registo do cliente no sistema de facturação de cobrança (EDM 2010).

Os processos administrativos e as técnicas propostas pelas políticas da EDM, têm sido problemáticos na medida que colocam os indivíduos num vaivém a busca de documentos que ao mesmo tempo precisam de dinheiro para o seu tratamento, como condição para aceder à energia, e levam muito tempo para serem despachados. A mesma energia quando chega nas casas precisa de algum dinheiro para a sua compra, e anualmente tem registado subidas no valor de compra, onde no ano 2010 um consumidor pagava 100Mts para obter 31.4kwh e em 2015 passou a obter 26.3kwh. Em 2016 este foi ajustado e passou para 19.5kwh.

Sendo a proposta do Governo de Moçambique a expansão de energia para todos, num contexto onde os indivíduos são submetidos a vários processos administrativos e técnicos que implicam vários custos, como os indivíduos lidam com este problema?

4. Abordagem teórica e conceitual

Neste capítulo apresento a abordagem teórica e conceitual que conduzirá o trabalho. A abordagem teórica usada neste trabalho é Interacionista Simbólica, e a conceitual é estratégia, redes sociais, risco e percepções de riscos.

Neste trabalho, privilegio a perspectiva do Interacionismo Simbólico de Herbert Blumer. De acordo com De Carvalho *et al* (2010) a perspectiva Interacionista Simbólica tem como fundadores John Dewey, George Herbert Mead, Charles Horton Cooley e William I. Thomas. Mais tarde o interacionismo Simbólico tornou-se notável com a intervenção de Herbert Blumer.

Segundo Blumer (1986) o interacionismo Simbólico baseia-se em três premissas, das quais:

Aprimeira refere que os seres humanos agem em relação ao mundo, fundamentando-se nos significados que este oferece; a segunda consiste no facto de que os significados de tais elementos seriam provenientes da ou provocados pela interacção social que se mantém com as demais pessoas; e a terceira advoga que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contacto (Blumer 1986:2).

De acordo com Lopes & Jorge (2005); Blumer (1986) os actores sociais seleccionam, conferem, suspendem, reagrupam e transformam os significados à luz da situação em que estão colocados e da direcção que imprimem a sua acção. Por isso o significado que as coisas têm para as pessoas são um elemento importante e central, isto porque, ao ignorar o significado das coisas em relação as quais as pessoas agem é visto como falsificar o comportamento que está sendo estudado.

A acção humana baseia-se no significado que os indivíduos atribuem no quotidiano, possibilitando a que desenvolvam símbolos, que podem ser acções ou palavras. Colocando-os na sociedade como actores activos (Dupas *et al* 1997; Lopes & Jorge 2005).

Segundo Canesqui & Queiroz (1986) o interacionismo simbólico carrega uma dimensão subjectiva, onde os indivíduos desempenham acções relevantes. Por isso, entende-se que com base na interacção e contínua negociação, os indivíduos definem estratégias diante de uma situação ou necessidade.

Neste trabalho, adopto a perspectiva interacionista simbólica para mostrar que a partir da interacção, os moradores do bairro da Urbanização adoptam estratégias para aceder à energia eléctrica de modo a suprir as suas necessidades.

4.1. Estratégia

O conceito de estratégia é usado em disciplina como Gestão, Administração, Gestão Empresarial, Antropologia com diferentes significados e explicado tendo em conta a disciplina que o usa. Por isso, é considerada ambígua e complexa (Cruz e Silva 2004; Da Costa *et al* 2002; Viazzo & Lynch 2012).

Em antropologia, o conceito estratégia é frequentemente usado nos estudos sobre a sobrevivência familiar, explicando as acções desencadeadas pelas famílias para a sua subsistência. Segundo Cruz e Silva (2004) Estratégias são alternativas adoptadas pelos indivíduos para dar resposta a determinada dificuldade ou acção.

Na mesma linha Ana da Costa & Cristina Rodrigues (2002) entendem por estratégias conjuntos articulados e coerentes de acções desencadeadas com vista a concretização de objectivos que servem aos interesses de todos ou do grupo (Da Costa & Rodrigues 2002:115).

Essas articulações e coordenações são resultados da negociação, do consenso, dos recursos existentes e constrangimentos do grupo ou seja, é o resultado dessas acções que define se é ou não estratégia (*idem*).

Nesta pesquisa uso o conceito de estratégia para referir a prática adoptada pelos moradores do bairro da Urbanização para aceder à energia eléctrica.

4.2. Redes Sociais

A literatura sobre as redes sociais tem-se mostrado unânime ao defender que as redes sociais baseiam-se nas relações interpessoais, criando conexão entre indivíduos de dentro e fora do círculo familiar, gerando vínculos de ajuda mútua que definem o indivíduo como um ser solidário. Por solidariedade entende-se o conjunto de relações de ajuda mútua ou recíprocas, baseadas na cooperação e confiança entre grupos (Trindade 2011; Sousa 2009; De Andrade *et al* 2002; Barroso 2012; Almeida 2007).

As redes sociais são um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos (Barnes 1987: 167). O conjunto dessas relações é útil na análise de fenómenos sociais com destaque na manutenção de valores e normas pela fofoca, diferenças estruturais entre sociedades tribais, rurais e urbanas.

Segundo Nohria; Eccles (1992: 288) *apud* Sousa (2009:15) as redes sociais são estruturas de laços entre os actores de um sistema social. Salienta que estes actores podem ser papéis, indivíduos, organizações, sectores ou Estados. Os seus laços podem basear-se na conversação, afecto, amizade, parentesco, autoridade, troca económica, troca de informação ou qualquer outra coisa que constitua a base de uma relação (Sousa 2009: 15).

Na mesma linha, De Andrade *et al* (2002) refere que as redes sociais envolvem relações recíprocas e laços de dependência mútua, o que quer dizer que elas inserem uma imagem de pontos conectados por fios, de modo a formar a imagem de uma teia.

Da literatura consultada ficou claro que as redes sociais conectam indivíduos de diferentes contextos, através da fofoca, trocas económicas, troca de informação. Neste trabalho, privilegio o conceito proposto por Nohria; Eccles (1992: 288) *apud* Sousa (2009: 15) e De Andrade *et al* (2002), que entendem as redes sociais como estrutura de laços entre os actores de um sistema social, através da conversa, afecto, amizade, parentesco, autoridade, troca económica, troca de informação ou qualquer outra coisa que constitua a base de uma relação recíproca e de dependência mútua, porque ajuda a perceber como se materializam as estratégias de acesso à energia eléctrica.

4.3. Risco

A noção de risco encontra-se associada a modernidade a partir dos séculos XVI e XVII, onde os exploradores europeus tomavam o conceito de risco nas suas viagens, e também pelos sistemas bancários. Para Anthony Giddens (2000) a noção de risco encontra-se associada as noções de probabilidade e incertezas, onde as pessoas buscam desligar-se do passado e passam a determinar o seu futuro.

O risco é uma questão muito complexa, por possuir várias conotações, dependendo do contexto no qual é estudado e da forma como as pessoas o percebem. Na óptica de Areosa (2008) risco é a possibilidade da ocorrência de um evento futuro, por isso, que é visto como uma entidade omnipresente.

Paulo Granjo (2006) refere que o risco é visto no sentido de uma forma de domesticação da ameaça que assume três vertentes complementares, a manipulação quantitativista que a pretende tornar cognoscível (que pode-se conhecer), uma tentativa da sua previsão probabilística, e uma presunção de controlo sobre o aleatório (Granjo 2006:1169).

Segundo Mendes (2002) o risco é usado no quotidiano para referir a uma ameaça, acidente, a um perigo ou mal, colocando-o como um fenómeno negativo. Neste caso, percebe-se o risco como uma construção social, onde os indivíduos delineiam o que é ou não um risco. É a partir desta construção social do risco que os indivíduos desenvolvem as suas percepções sobre o risco.

As percepções de risco são conhecimentos subjectivos (senso comum) que surgem em oposição aos objectivos (técnicos, profissionais de especialistas). Estes conhecimentos segundo Areosa (2012) têm a ver com a forma como os indivíduos pensam, representam, classificam ou analisam as diversas formas de ameaça (riscos) a que estão expostos ou de que tenham conhecimento.

5. Apresentação e discussão dos dados de campo

Neste capítulo apresento e faço a discussão dos dados de campo, a partir de teorias que abordam sobre as estratégias e o acesso à energia, com enfoque na prática de “cahora bassa” no quotidiano dos moradores do bairro da Urbanização. No primeiro momento farei a contextualização de “cahora bassa”, no segundo discutirei sobre o acesso à energia eléctrica, em terceiro abordarei sobre as estratégias de acesso à energia eléctrica e no quarto momento centrar-me-ei nas redes de relações sociais criadas na materialização das estratégias de acesso à energia eléctrica.

5.1. “Cahora Bassa”

A “Cahora Bassa” é uma barragem situada no rio Zambeze, na província de Tete, em Moçambique. É a maior barragem em África, em termos de volume de betão e o maior empreendimento do Estado Português no antigo Império.

A sua construção teve o seu início em 1969, e em 1975 foi criada a Hidroeléctrica de Cahora Bassa, SARL (HCB). Actualmente é o maior produtor de electricidade em Moçambique, com capacidade superior a 2000 *Megawats*, que abastece Moçambique perto de 250MW, África do Sul 1100MW e Zimbabwe 400MW.

Na região de Tete é chamado em língua *Cinyungue*, por *Kahoura-Bassa*, que significa "acabou o trabalho", o que quer dizer que o rio deixa de ser navegável a partir daquele ponto. A 31 de Outubro de 2006 foi assinado um acordo entre o Ex-Primeiro Ministro Português José Sócrates e o Ex-Presidente da República de Moçambique Armando Emílio Guebuza em Maputo. O acordo consistia em passar 85% das acções da HCB ao Estado Moçambicano em troca de 950 milhões de dólares⁴.

Este acordo veio a materializar-se com a reversão em 27 de Novembro de 2007 da Hidroeléctrica de "cahora bassa" do Estado Português para o Estado Moçambicano. Após a reversão, o Presidente Guebuza fez um discurso afirmando que *cahora bassa já é nossa*⁵. Este discurso teria criado expectativas nas pessoas em ver as suas necessidades relativas ao acesso com disponibilidade, qualidade e a preço acessível e sem cortes de energia eléctrica materializadas.

⁴Informação consultada em https://pt.wikipedia.org/wiki/Barragem_de_Cahora_Bassa (consultado a 11 de Março de 2016);

⁵Historial de Cahora Bassa <http://www.hcb.co.mz/Empresa/Historial> (Consultado a 11 de Março de 2016).

Com a imaterialização das necessidades das pessoas, a expressão “cahora bassa” passou a ser apropriada e usada no quotidiano do bairro da Urbanização para designar as ligações clandestinas, uma prática muito antiga do contexto moçambicano. Neste trabalho, uso a expressão "cahora bassa" para designar estratégia informal de acesso à energia eléctrica nos moradores do bairro da Urbanização.

5.2. O acesso à energia eléctrica no bairro da Urbanização

O acesso à energia eléctrica é um serviço social básico a ser disponibilizado a população pelo Estado no contexto Moçambicano, porque a mesma constitui um bem económico e social para desenvolvimento do país. A EDM é uma instituição pública que se dedica os serviços de produção, transporte e fornecimento de energia eléctrica em Moçambique.

De acordo com a EDM, para o acesso à energia eléctrica exige-se o seguimento dos processos administrativos e técnicos que se resumem no preenchimento do formulário da EDM e seguido da apresentação da identificação do titular do contrato (B.I., cartão de *nuit* e cartão de recenseamento militar), a vistoria acompanhada de uma visita dos técnicos para avaliarem a instalação (que por vezes chega a ser reprovada), o pagamento e assinatura do contrato, a ligação efectuada pelos agentes da EDM na casa do cliente e por último o cadastro de documentação da rede onde se faz o registo do cliente no sistema de facturação de cobrança (Edm 2010).

No quotidiano dos moradores do bairro da urbanização, o acesso à energia mediante o seguimento de processos administrativos e técnicos, têm contribuído para a existência de conjunto de problemas, isto porque, os moradores do contexto pesquisado afirmam que estes processos ou passos seguidos para o acesso à energia levam muito tempo, o que acaba lhes fazendo gastar algum valor. Assim sendo, apontam como problema o vaivém da busca de documentos que chegam a ter um despacho moroso nas estruturas do bairro para a abertura do contrato, mais também têm as cobranças ilícitas feitas pelos agentes no momento da vistoria e na ligação da corrente na residência do consumidor, tal como conta Muthombene de 24 anos, padeiro.

A sua história começa quando decide abrir um contrato de fornecimento de energia eléctrica em sua casa. Devido a questões de formalidade propostas pela EDM para o fornecimento de energia, o processo de Muthombene foi marcado pela demora no despacho dos documentos o que lhe

fizeram com que pagasse algum dinheiro para os ter com urgência. Assinado o contrato e pago o dinheiro, este foi obrigado a pagar um valor no momento da vistoria, pelo facto de lhe terem dito que a instalação não estava correcta, no entanto, seria reprovada, este por sua vez, teve que pagar 500Mts para aprovação da instalação. Passada esta fase, foi-lhe dito para pagar mais outra vez o mesmo valor, para acelerar o processo de ligação da rede uma vez que segundo os técnicos da EDM, o atraso da ligação devia-se a falta de contadores de *credelec*, e que se este precisasse com urgência poderiam lhe vender um para a casa dele mediante o pagamento de 1500Mts.

Encontrando-se nos interstícios dos processos administrativos e técnicos que obrigam a um vaivém em busca de documentos, como condição imposta pela EDM para o acesso à energia eléctrica e na morosidade criada pelos agentes da EDM na materialização da parte técnica da abertura do contrato como forma para fazer cobranças ilícitas, os moradores do bairro da Urbanização adoptam estratégias para o aceder à energia.

5.3. Estratégia "informal" no acesso à energia eléctrica no bairro da urbanização

Neste subcapítulo identifico as estratégias de acesso à energia, exploro as técnicas usadas a motivação e a finalidade da sua adopção no quotidiano dos moradores do bairro da Urbanização, dando mais enfoque a estratégia informal. Tanto as conversas com os moradores, bem como a observação etnográfica mostram que existem duas (2) formas de acesso à energia eléctrica.

A descrição das histórias do João e do Casimiro mostra o tipo de estratégias que adoptam no seu dia-a-dia e como as põem em prática.

João acorda as 6h30' da manhã, pega na chaleira eléctrica aquece a água para tomar banho. Na saída do banho, ferve a água para o chá, enquanto engoma a roupa para a ida ao serviço. Em seguida veste-se e toma chá, depois desliga os dois fios ligados no disjuntor e na tomada da sala, pressionando em seguida os botões do disjuntor para ligá-los, uma vez que encontravam-se desligados. Depois desse processo todo, a casa ficou sem energia e o contador de *credelec* tinha apenas 0,0kwh (Diário de Campo 2015).

A outra técnica foi observada na rotina de Casimiro de 27 anos que vive com a esposa, filha, a irmã e os sobrinhos no bairro da Urbanização.

Quando chega a casa às 17h da tarde, encontra a televisão plasma de 32”, de cor preta, de marca Samsung ligada, e a aparelhagem a tocar na sala, o contador *credelec* com 14,6kwh na parede do lado esquerdo da varanda, logo a entrada da casa. Em seguida, entra no quarto e sai com dois fios pretos, sobe em cima da varanda e liga os dois fios pretos nas pontas da união entre os cabos do postulete do vizinho e dos que transportam a corrente para a sua casa, e liga-os a tomada desligando aos botões do disjuntor que se encontram ao lado do contador de *credelec* na parede esquerda da varanda, passando a consumir a energia sem que haja contagem no *credelec* (Diário de Campo 2015).

A descrição das histórias de João e Casimiro mostram que existem duas vias de acesso à energia, a que acontece mediante a contagem normal de *kwh*⁶ no *credelec*, e esta forma de acesso à energia é denominada por formal, porque obedece as normas e políticas de acesso à energia imposta pela EDM. A segunda acontece introduzindo fios para o uso da energia, sem que haja contagem dos *kwh* no *credelec*, e designo-a por informal, porque a sua materialização não obedece as políticas de acesso à energia, por isso, é criminalizada através das alíneas a) e b) no n°1, do artigo 35 da Legislação da EDM, ao referir que será punido como autor do crime de furto:

a) Aquele que subtrair fraudulentamente a energia eléctrica ou dolosamente desviar circuitos eléctricos; b) Aquele que empregar qualquer meio fraudulento que a possa influir no funcionamento do contador ou que permita utilizar energia sem que esta seja devidamente contada (Assembleia da República 1997: 5).

As rotinas de João e Casimiro mostram que, entre o formal e informal há uma complementaridade no seu uso e a finalidade é de aceder à energia. Nas primeiras horas do dia adoptam a via formal, mas no período da noite optam pela via informal, feita por via da adopção de técnicas que no contexto pesquisado são denominadas por “cahora bassa” conforme explica Maria de 29 anos, professora, que vive com sua filha em uma entrevista, quando questionava o que motivou a optarem pelo uso de técnicas, mesmo sendo criminalizadas pela EDM?

Olha Cláudio! Aqui em casa as vezes ficamos sem dinheiro, principalmente quando estamos no meio do mês, e a energia acaba, ficamos no escuro. Sem dinheiro para comprar peço emprestado não consigo, e a minha filha não consegue dormir no escuro e

⁶*Kwh* – unidades em kilo watt por hora

eu preciso preparar a aula para o dia seguinte, até porque tenho que estudar também coisas da faculdade. Sem solução e mesmo com medo de ser presa ou pagar multa acabo fazendo cahora bassa, porque já não tenho alternativa além dessa.

Na mesma linha Casimiro de 27 anos, comerciante, que usa energia da EDM desde 2010 afirma o seguinte:

Sabe Cláudio, um dia às 19h houve corte e quando restabeleceram a energia era muito forte, e meu congelador pifou, fui reclamar e não me pagaram. Para piorar, cada ano que passa o preço da energia sobe, mas recebemos energia sem qualidade, todos os dias são cortes sem aviso, as vezes quando vamos as bombas comprar energia não têm sistema, tentamos no m-pesa as pessoas com as quais depositamos o valor não têm saldo ou já fecharam as barracas, bancas..., as vezes há problemas de rede e falta de sistema. De tanto cansaço e porque não podemos ficar sem energia, optamos pelo cahora bassa.

Os excertos mostram por um lado, que no quotidiano os moradores passam por várias experiências para aceder à energia por via dos serviços formais. Assim, na insatisfação desses serviços encontram margens para adoptarem estratégia informal, que no contexto pesquisado é baseada na técnica de “cahora bassa”. Por isso, vendo os problemas da qualidade de energia, preço de energia, cortes e dificuldades do fornecimento, os moradores deste bairro adoptam técnicas clandestinas de acesso à energia, chamando-as por “cahora bassa”.

Por outro lado, mostram que mas do que adoptar “cahora bassa” por questões de falta de dinheiro para a compra do crédito, necessidade de iluminação para as suas actividades diárias, *status* ou caprichos de ter uma vida igual ao da classe média e alta, esta técnica tornou-se um estilo de vida num contexto onde o formal e informal é praticado de maneira complementar.

Assim sendo, percebo a adopção de “cahora bassa” no quotidiano dos moradores do bairro da Urbanização como uma estratégia informal que tem em vista a suprir as necessidades dos moradores, pois segundo Da Costa *et al* (2002) estratégia é um conjunto articulado e coerente de acções desencadeadas com vista a concretização de objectivos que servem aos interesses de todos ou do grupo. Portanto, é com base na interacção que os indivíduos negociam, entram em consenso, baseado nos recursos existentes e constrangimentos do grupo, que adoptam "cahora bassa". Este ponto é também sublinhado por Canesqui e Queiroz (1986), quando afirmam que no interaccionismo simbólico os indivíduos desempenham acções relevantes, por isso, entende-se

que com base na interacção e contínua negociação, os indivíduos definem estratégias diante de uma situação ou necessidade.

A técnica de “cahora bassa” é por um lado estratégia porque define um estilo de vida no quotidiano dos moradores do bairro da urbanização e ao mesmo tempo mostram que pertence ou não ao círculo de vida dos moradores que adoptam esta técnica. Por outro lado, é informal por ser praticada a revelia dos técnicos da EDM, mesmo sendo criminalizada os moradores do bairro da Urbanização adoptam-na criando redes de relações sociais para expandir a prática e criar mecanismos de defesa em caso de riscos.

5.4. Redes de solidariedade e reciprocidade na prática de “cahora bassa”

Segundo De Sousa & Cordovil *et al* (2008) no mundo informal as pessoas adoptam um estilo de vida, possibilitando que estes conduzam suas próprias maneiras de classificar as coisas e organizar-se socialmente, mediante códigos estabelecidos na sua interacção. Por isso, que no seu processo de actuação elas são baseadas em redes sociais, onde prevalece o valor, confiança e os laços étnicos, de amizade e de parentesco entre as pessoas.

Na sua história de vida Casimiro de 27 anos, comerciante, que vive com a esposa e o filho de 2 anos, conta sobre as festas como um dos primeiros eventos que o fizeram aceder à energia eléctrica mesmo sem ter contrato com a EDM. O mesmo revela que graças a bondade do vizinho que em uma das festas de sua casa, puxou o fio de energia de sua casa para a do Casimiro de modo a facilitar o uso de congelador, aparelhagem e iluminação. Com o término da festa o fornecimento de energia a casa do Casimiro não se rompeu, mas sim estendeu-se criando uma rede de relações recíprocas, que se baseava no uso da mesma energia mediante a partilha do valor do crédito (para consumidores que usam *credelec*).

Zavala de 69 anos, reformado, que vive com a sua esposa, neto e irmão, conta que usa a energia da EDM desde 1992. Mas quando reformou começou a ter dificuldades em arcar com as despesas de energia, e quem lhe ajudava era o filho que vivia na África do Sul, mas como este foi promovido no serviço, acabou por ser transferido para os EUA, onde se encontra a trabalhar até hoje. A transferência fez com que este tivesse dificuldades para transferir dinheiro para o pai. Assim, não aguentando com as dispensas Zavala dormia na escuridão, com dificuldades para

conservar a comida. Cansado de ficar na escuridão, por falta de energia para iluminação da casa o que o deixava num estado de insegurança, o seu neto arranhou uma alternativa.

Um dia o meu neto saiu de casa a tarde já devia ser por ai 16h. Quando voltou 20 minutos depois estava com dois moços, um deles era um pouco crescido, mais ou menos da sua idade assim (referindo-se ao pesquisador), e o outro é da idade do meu neto, até conheço porque são amigos, vem sempre aqui em casa. Assustado, perguntei o que se passava? Em resposta meu neto disse, vovô, este é tio do meu amigo sabe fazer cahora bassa, vai fazer para nós hoje e vai me ensinar como se faz. Humm! De repente o moço disse, vovô não tenha medo, eu vou-lhe ensinar, muito fácil. Deixei-os fazer, e em pouco tempo a casa já estava iluminada. Eu não queria isso, mais se não tenho dinheiro para comprar, o que fazer?

Um exemplo semelhante é contado por Joanhina de 54 anos, mostra que essa prática também é feita em troca de dinheiro.

Em 2008, quando celebrei um contrato com a EDM e depois de ter passado por vários processos para ter energia, porque me faziam dar voltas para virem ligar energia na minha casa. Nos dias que vieram, ligar aquele moço da EDM, disse, mamã esses quadros chupam muito, quanto tens para te ensinarmos a roubar ou afinarmos o teu quadro de energia para não gastar muito dinheiro? Eu disse, meu filho quando me encontrarem o que vai ser de mim? Em resposta, ele disse que, iria me ensinar como fazer tudo para não me encontrarem. Está bem, só tenho 500Mts e ele recebeu, em pouco tempo ensinou a mim e ao meu filho a fazer cahora bassa.

Os trechos das conversas acima, mostram que os moradores do bairro da Urbanização no quotidiano interagem e negociam acções criando redes de relações sociais que se manifestam em dois lados, por um lado os moradores ajudam-se uns aos outros, ou seja, ensinam-se a fazer "cahora bassa" sem cobrar algo em troca, tornando-se solidários uns para com os outros e por outro lado, os moradores são ensinados pelos vizinhos que têm formação profissional em electricidade e os técnicos da EDM esperando algo em troca, como dinheiro, afecto, o que revela a construção de redes recíprocas que em muitos casos começam desde o processo da abertura do contrato na EDM, ligação a rede e até em casos de manutenção de pequenas avarias nas casas.

Essa noção de redes sociais enquadra-se na definição de Nohria; Eccles (1992: 288) *apud* Sousa (2009: 15) e De Andrade & Vaitsman (2002) como uma estrutura de laços entre os actores de um sistema social, através da conversa, afecto, amizade, parentesco, autoridade, troca económica, troca de informação ou qualquer outra coisa que constitua a base de uma relação recíproca e de dependência mútua.

Assim, as redes sociais tornam-se importantes no acesso à energia, pois, a partir delas os indivíduos interagem e adoptam estratégias informais para aceder à energia eléctrica em convivência com os demais actores sociais de modo a suprir as suas necessidades diárias.

6. As percepções de riscos na prática de “cahora bassa”

Neste capítulo escrevo sobre a noção do risco que os moradores do contexto pesquisado têm das técnicas de “cahora bassa” e como fazem para contornar. Numa conversa estabelecida com João de 25 anos, borracheiro que vive numa casa arrendada, conta que o seu vizinho, um dia foi encontrado a fazer cahora bassa por ser muito teimoso. Já eram 09:00 horas, quando o vizinho estava a aquecer água para o banho, com energia clandestina e de repente apareceram dois jovens, funcionários da EDM, com um *GPS* indicando que na casa dele estavam a usar energia clandestina. Encontrado a usar energia clandestina, o vizinho foi obrigado a pagar multa de 11.000MT, o que veio a ser convertido com o pagamento de 1500Mts e selaram o disjuntor e o contador da sua casa.

Na mesma linha, em entrevista com Zavala afirma que a técnica de “cahora bassa” é muito bom porque ajuda nas despesas, mas é muito arriscado conforme argumenta:

Em um dos sábados, quando já eram 16horas, o meu neto foi buscar os fios para fazer cahora bassa. Chegou com os fios na sala, onde se encontra o contador de energia e o quadro de disjuntores, colocou o banquinho e subiu. Quando colocava os fios, não sei ao certo o que aconteceu, mas desconfio que tenha colocado mal os fios, e de repente vi faíscas e o meu neto saltou do banquinho para o chão deixando os fios no quadro. A sorte é que não ardeu e nem deu cabo nos electrodomésticos porque estavam desligados.

A conversa e o excerto da entrevista acima revelam a existência de várias noções de risco quando se faz "cahora bassa", pois o risco é percebido em três dimensões nos moradores do bairro da

Urbanização. A primeira refere-se ao risco de ser encontrado em prática ou a usar a energia; a segunda está aliada as multas e cobranças informais feitas pelos técnicos da EDM quando os encontram a consumir a energia e a terceira tem a ver com as explosões, faíscas, incêndios, provocados pelas pessoas que fazem "cahora bassa" sem nenhuma técnica, pois, estas ligações resultam das relações de amizade, familiaridade, ou com técnicos da EDM e por vezes, essas técnicas não são captadas na totalidade, daí a razão de muitas falhas que resultam em perigo.

Essa noção de risco alia-se a que é defendida por Mendes (2002) de que o risco é usado no quotidiano para referir a uma ameaça, acidente, a um perigo ou mal, colocando-o como um fenómeno negativo. Neste caso, percebe-se o risco como uma construção social, onde os indivíduos delineiam o que é ou não um risco. É a partir desta construção social do risco, resultante da interacção social, que as pessoas desenvolvem as suas percepções sobre os riscos.

Neste caso, conhecendo os riscos que os indivíduos estão expostos ao fazerem “cahora bassa”, estes por sua vez, buscam mecanismos de gestão desses riscos, ao definirem quando devem ou não fazer essas ligações, tal como é referido na conversa com Felisberto de 28 anos, formado em electricidade, que vive de *biscates*.

Mano⁷! É difícil apanharem uma pessoa a fazer cahora bassa aqui na zona, de todas as pessoas que fazem. Porque todos sabem que horas devem fazer e devem desligar. É claro que se fizer até passar as 7h, 8h vão-te apanhar. Por isso, todo o pessoal da zona sabe que deve fazer das 15h30 ou 16h até às 7h do dia seguinte, aí dificilmente vão-te apanhar a usar energia de cahora bassa.

A percepção dos riscos no acesso informal da energia eléctrica no bairro da Urbanização constitui-se como um mecanismo de defesa da possibilidade dos moradores serem encontrados. Assim, com base na percepção que os moradores do bairro da Urbanização têm sobre os riscos que estão expostos ao fazerem “cahora bassa” para aceder à energia eléctrica, estes interagem e criam normas que regulam o seu *modus vivendi* ao definirem que horas devem pô-la em prática, a hora apropriada para o uso de electrodomésticos de alto consumo energético, como chaleira, termo aquecedor para tomar banho quente, congeladores, ferro de engomar e o laser aliado ao uso de computadores, jogar games, ver televisão.

⁷ Mano - expressão de uso corrente para referir a uma pessoa de idade superior que a outra, ou um sinal de respeito perante os mais adultos e a pessoas com afecto, alguma amizade.

7. Considerações Finais

O trabalho abordou estratégias de acesso à energia eléctrica no bairro da Urbanização. O mesmo reflectiu sobre as estratégias informais de acesso à energia eléctrica com enfoque na prática da ligação clandestina (cahora bassa) para o acesso à energia no bairro da Urbanização, distrito municipal KaMaxaquene na Cidade de Maputo. Na literatura consultada destaquei duas perspectivas sobre o acesso à energia eléctrica.

A primeira mostra que a energia eléctrica é um bem económico e social, que constitui um mecanismo para o desenvolvimento económico, político e social do mundo. A mesma busca caminhos para a promoção dos níveis de acesso à energia de qualidade e a preços acessíveis (Pnud 2011; Un 2012; Wbg 2009; Pqgm 2015-2019).

A segunda perspectiva analisa as percepções e a forma como os indivíduos desenvolvem táticas ilegais para aceder à energia eléctrica. A partir de estudos realizados no contexto brasileiro, os autores concluem que o acesso ilegal da electricidade prende-se com a necessidade de manter o status social através da posse e utilização de electrodomésticos tais como o ar condicionado (Yaccoub 2010, 2011; Santos 2011).

A partir da pesquisa etnográfica que realizei no bairro da Urbanização, compreendi que os moradores deste bairro adoptam estratégias formais e informais para o acesso à energia eléctrica. A estratégia formal tem a ver com o acesso legal da energia eléctrica, tendo em conta os processos administrativos da EDM, enquanto a estratégia informal é aquela que impõe-se as normas do processo de acesso à energia da EDM. Embora sejam duas acções com mesma finalidade obter energia, mas usando técnicas e normas diferentes existe uma complementaridade entre elas, ambas são usadas no mesmo dia e uma sucede a outra.

Neste trabalho dei mais enfoque a estratégia informal devido a sua complexidade. A partir da observação participante os dados permitem dizer que, os moradores do bairro da Urbanização adoptam estratégia informal para aceder à energia eléctrica, usando a técnica de “cahora bassa” que acontece mediante redes de relações solidárias criadas na interacção entre vizinhos, amigos e pessoas com os quais têm afecto e, através das redes de relações recíprocas marcadas pela interacção entre os moradores, os electricistas e os técnicos da EDM.

Assim sendo, mais do que uma estratégia para suprir as necessidades dos moradores, tais como redução de despesas, não ficar no escuro, usar electrodomésticos de elevado consumo energético, “cahora bassa” é um estilo de vida, onde mesmo tendo crédito (*kwh*) no contador *credelec* é posta em prática. Devido a sua informalidade acontece a das 16h às 8h do dia seguinte, isto porque é praticada a revelia da EDM.

Em resultados aos riscos a que os moradores do bairro da Urbanização estão submetidos ao adoptarem “cahora bassa”, é que através da sua rede de relações sociais criaram normas que definem a horas de uso, e conseqüentemente uso electrodomésticos nas suas casas, aquecimento da água de banho, como de mecanismos da domesticação da ameaça.

Sendo um contexto caracterizado pelos significativos desequilíbrios e iniquidades no acesso e utilização de bens e serviços, tais como a energia eléctrica, “cahora bassa” é uma estratégia informal de acesso à energia eléctrica muito retrógrada, e com uma expressão inovada. Por isso, quando conciliado com as políticas de acesso à energia o mesmo entra em choque, ao mostrar que a vida dos moradores do bairro da Urbanização não limita-se apenas a políticas de acesso à energia.

Assim, baseado nesses pressupostos vivenciados no campo, encontra-se um conjunto de práticas que se constroem e reconstroem na interacção entre os moradores do bairro da Urbanização no acesso à energia eléctrica. É a partir desta dinâmica das relações sociais que motivou a estudar e compreender as estratégias adoptados pelos moradores para aceder à energia eléctrica de modo a complementar as outras abordagens.

8. Referências Bibliográficas

- Areosa, J. 2008. “O risco no âmbito da teoria social”. *VI Congresso Português de Sociologia*, 323 (25 e 28): 1-16.
- _____. 2012. “A importância das percepções de riscos dos trabalhadores”. *International Journal on Working Conditions*, 3 (6): 55-64.
- Almeida, J. 2007. “Antropologia da solidariedade”. Porto: CEMOROC – Feusp/ IJI, pp. 67-71.
- Assembleia da República. 1997. “Legislação da EDM” <http://www.edm.co.mz>. Legislação da EDM/capítuloI/artigo5/política de organização e gestão [consultado em 26 de Setembro de 2015].
- Barnes, J. 1987. “Redes Sociais e Processos Políticos”. In: *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. Feldman-Bianco, org. São Paulo: Global Universitária, pp. 159-193.
- Barroso, P. 2012. “Redes de solidariedade entre vendedores ambulantes da rua voluntários da pátria, em Porto Alegre/ RS”. *Iluminuras*, 13(30): 236-259.
- Blumer, H. 1986. *Symbolic Interactionism: perspective and method*. California: University of California Press.
- Cruz e Silva, T. 2004. “Solidariedades sociais e novos desafios: uma alternativa viável para as estratégias de mitigação aos impactos do HIV/SIDA nas zonas rurais em Moçambique?”. Coimbra: VIII Congresso Luso - Afro - Brasileiro de Ciências sociais CES, 16, 17, e 18 de Setembro, pp. 1-15.
- Cumbane, R. 2015. “Análise do risco de incêndios urbanos no município de Maputo em Moçambique”. In *Tese elaborada para a obtenção do grau de doutor em território, risco e políticas públicas*. Lisboa: IGOT, Universidade de Lisboa.
- Da Costa, A. et al. 2002. “Estratégias de sobrevivência de famílias em Luanda e Maputo”. Porto: FLUP, pp. 113-122.
- Da Rocha, A. et al. 2008. “Etnografia: saberes e práticas”. In *Ciências Humanas: Pesquisas e Métodos*. Céli Regina et al, org. Porto Alegre: Editora da Universidade, pp. 9-31.
- D’Andrade, G. et al. 2002. “Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde”. *Ciência e Saúde Colectiva*, 7 (4): 925-934.

De Sousa, F. 2009. “Redes Sociais e entreajuda: uma análise sobre a economia informal Luandense”. *Revista Augustus*, 14 (27): 11-20.

De Sousa, R. *et al.* 2008. “Antropologia das Trocas Económicas Informais e Ilícitas”. *Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais UNIFAP*, 1 (12): 01-10.

Deen, T. 2015. “ONU e Banco Mundial querem energia sustentável para todos até 2030”. <http://www.envolverde.com.br/1-1-canais/ips-rede/onu-e-banco-mundial-querem-energia-sustentavel-para-todos-ate-2030/> [Consultado em 05 de Março de 2016].

Dupas, G. *et al.* 1997. “A importância do interacionismo simbólico na prática de enfermagem”. *Revista da Escola de Enfermagem*, 31 (2): 219-226.

EDM, E.P. 2011. “Relatório e Contas 2011”. <http://Relat%20e%20Contas%202011.pdf> [consultado em 05 de Março de 2016].

EDM, E.P. 2010. “Tarifários de energia eléctrica”. http://www.edm.co.mz/index.php?option=com_content&view=article&id=121%3Atarifarios-de-energia-electrica&catid=38%3Aseculos&Itemid=83&lang=pt [consultado em 05 de Março de 2016].

EDM, E.P. 2010. “Procedimentos para novas ligações”. http://www.edm.co.mz/index.php?option=com_content&view=article&id=140&Itemid=87&lang=pt [consultado em 05 de Março de 2016].

Giddens, Anthony. 2000. *O Mundo na Era da Globalização*. Lisboa: Presença.

Godoy, A. 1995. “Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades”. *Revista de Administração de Empresas*, 35 (2): 57-63.

Granjo, P. 2006. “Quando o conceito de 'Risco' se torna Perigo”. *Análise Social*, XLI (181): 1167-1179.

Lacombe, F. 2009. “Mundo ainda tem 1, 5 bilhões de pessoas sem acesso à energia eléctrica, diz ONU”. <http://www.nuca.ie.ufrj.br/.../index.php?/...Mundo...acesso-a-energia-eletrica>. [Consultado em 10 de Março de 2016].

- Lusa. 2009. “Um terço da população mundial vive sem energia eléctrica”. <http://www.dn.pt/globo/interior/um-terco-da-populacao-mundial-vive-sem-energia-electrica-1428442.html> [Consultado em 10 de Março de 2016].
- Lopes, C. *et al.* 2005. “Interacionismo Simbólico e a possibilidade para o cuidar interactivo em enfermagem”. *Revista da Escola de Enfermagem*, 39 (1): 103-108.
- Marconi, M. *et al.* 2003. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª Ed. São Paulo: Atlas.
- Mendes, F. 2002. “Risco: um conceito do passado que colonizou o presente”. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 20 (2): 53-62.
- Queiroz, M. *et al.* 1986. “Antropologia da Medicina: uma revisão teórica”. *Revista de Saúde Pública*, 20 (2): 152-164.
- Rice, J. 2016. “Oportunidade para o acesso global à electricidade em 2016”. <http://www.gereportsbrasil.com.br/post/139353835999/john-g-rice-oportunidades-para-o-acesso-global-%C3%A0>; [Consultado em 05 de Março de 2016].
- ROCHA, P. 2015. “Acesso à energia: desafio para erradicar a exclusão eléctrica”. <http://plataformaods.org.br/artigos/acesso-a-energia-desafios-para-erradicar-a-exclusao-eletrica/> [Consultado em 05 de Março de 2016].
- República de Moçambique. 2015. *Proposta de Programa Quinquenal do Governo (2015-2019)*. Maputo: Aprovada na 4ª sessão ordinária do Conselho de Ministro.
- Santos, M, *et al.* 2011. “Práticas Ilegais dos Consumidores: uma análise do ‘gato’ na rede de energia eléctrica”. *Revista de Marketing*, 10 (2): 3-29.
- Trindade, C. 2011. “Convívio e solidariedade: prática de *xitique* em Moçambique”. Brasil: XI Conlab, pp. 1-12.
- Velho, G. *et al.* 2003. “O desafio da proximidade”. In *Pesquisas Urbanas: Desafios do Trabalho Antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 11-19.
- Velho, G. 1978. “Observando o Familiar”. In *A Aventura Sociológica*. Edson de Oliveira Nunes, org. 1978. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 1-13.
- Viazzo, P. *et al.* 2012. “Antropologia, história da família e o conceito de estratégia”. *Revista Estudos Amazónicos*, viii (2): 23-82.

World Bank Group. 2009. “Estratégia de energia abordagem sectorial: redes de desenvolvimento sustentável”.

http://siteresources.worldbank.org/Extesc/Resources/Approach_Paper_PORT.pdf?resourceurlname=Approach_Paper_PORT.pdf [consultado no dia 10 de Março de 2016].

Yaccoub, H. 2010. “O ‘Gato’ de energia eléctrica do público ao privado, do ‘jeitinho’ ao crime”. Rio de Janeiro: ENEC, pp. 1-21.

_____. 2011. “Tem ‘gato’ na laje: consumo, cidadania e acesso a energia eléctrica em uma favela carioca”. Curitiba: XV Congresso Brasileiro de Sociologia, pp. 1-23.